

THEATRO DE S. CARLOS.

PORTUGAL.

XXIII.

O THEATRO DE S. CARLOS.

O THEATRO de S. Carlos, nesta capital, é por suas dimensões, conveniente fábrica, e optimas decorações, notado como principal entre os de segunda ordem que na Europa se numeram, destinados a essas representações, que pela musica e canto, e pelo apparatus scenico enlevam os sentidos e conquistam os applausos dos apreciadores das artes agradaveis, cujo amor e cultura tanto manifestam o apurado gosto e civilisação d'um povo. As vozes mais peregrinas, habilissimos professores de orchestra, pintores abalisados na perspectiva theatral, tem conjunctamente desde a criação desta casa proporcionado ao publico lisbonense o gozo de todos os delicados encantos da opera italiana. — Reinando D. José 1.^o ouviu a côrte a famosa Zamperini e cantores celebres; mas faltava o edificio appropriado á *opera*, e a illusão magica do perfeito scenario: — a deficiencia acabou nos fins do passado seculo, porque uma companhia de opulentos negociantes levantou o magnifico theatro, que frequentamos agora, assentado quasi no foco da concorrência da capital, entre o largo do Loreto e o sitio do paço antigo da Soberana Familia de Bragança felizmente reinante. A companhia compoz-se, como dissemos, de poderosos capitalistas, á frente dos quaes se contavam o barão de Quintella, Anselmo José da Cruz Sobral, Bandeira, Machado e outros: deu o risco

FEVEREIRO 25 — 1843.

o architecto José da Costa e Silva (*); e dentro do breve espaço de seis mezes se levou a cabo obra tão vasta e solida debaixo da inspecção de Sebastião Antonio da Cruz Sobral (::): foi a abertura a 29 de abril de 1793 para festejar o nascimento da Sr.^a D. Maria Thereza, tia de S. M. F., e então herdeira presumptiva do throno: para esta primeira representação foi preciso armar-se um tecto provisório.

O edificio appresenta tres pavimentos na frente, que deita para uma praça quadrada, e de sufficiente capacidade para o transitio das pessoas e carruagens; no primeiro é o salão da entrada, que tem obra de 90 palmos de comprimento por 60 de largo, e dá serventia á platéa, corredores das frisas e escadaria dos outros andares ou ordens de camarotes: as tres portas do frontispicio, que o são tambem do salão, ficam protegidas por um corpo saliente, que fórma uma passagem coberta, sustentada sobre tres arcos em frente das portas e dois lateraes, e defendida com sua gradaria de ferro,

(*) José da Costa e Silva, architecto muito instruido, foi natural da villa de Povos, estudou em Lisboa engenharia e desenho, e em Bolonha e Roma a architectura; viajou por toda a Italia: recolhido á patria regeu a cadeira daquella mui nobre arte; foi architecto das obras reaes, e conjunctamente com Fabri dirigiu os primeiros trabalhos do paço d'Ajuda, para o qual ambos deram riscos. Fez tambem [alem do theatro de S. Carlos] os desenhos para o Palacio e Hospicio de Runa; e para o Erario novo, que não teve effeito. Foi academico de merito da Academia romana de S. Lucas. Falleceu de 72 annos, no Rio de Janeiro, em 1819.

::) Vid. Mem. de Cyrillo a pag. 237.

que ha pouco tempo foi collocada, mas que se abre como cancellos, em noites de espectáculo. O pavimento do salão é de cantos de marmore dispostos em xadrez branco e azulado: o tecto tem uma soberba pintura do habil Cyrillo Wolkmar Machado, representando o « precipicio de Phaetonte: — a um lado está a casa da venda dos bilhetes, e no opposto a em que se guardam os chapéus de chuva e bengalas, e ahi ao pé um botequim: por cima destas casas, que não tem a altura do salão, ha outras duas, com janellas para a frontaria; uma dellas tem servido de bilhar. —

O segundo pavimento consta de outro salão, que foi destinado para os concertos de musica, e por tres janellas rasgadas dá communicação para a varanda espaçosa, guarnecida de balaustrada e superior ao corpo saliente da entrada: aformoseam este corpo central quatro columnas da ordem dorica, que sustentam uma cornija geral: sobre as janellas ha tres apainelados, como se fossem destinados a baixos-relevos, o do meio encerra uma inscripção latina, que em summa diz que — os cidadãos lisbonenses por seu amor e lealdade á Augusta casa reinante dedicaram este monumento em 1793 como testemunho de alegria, pelo fiador á herança da corôa e continuação da regia prole, que acabavam de receber por occasião do feliz parto da Snr.^a D. Carlota, princeza do Brasil. — Os apainelados lateraes comprehendem duas cornucopias com o caduceu de Mercurio, symbolo do commercio. A sala é adornada com pinturas e relevos, e dois coretos, um em cada extremidade, guarnecidos de brincados ornatos. Contiguos acham-se dois gabinetes com janellas de peitos para o largo; tem servido de botequim com entrada distincta do salão. —

Altêa-se o terceiro pavimento tão sómente sobre o corpo do centro: remata em segunda cimalha coroada por dois grandes vasos de marmore nos extremos, e ao meio pelo escudo das Armas portuguezas: aqui é a casa de pintura de vistas e decorações scenicas.

A sala do espectáculo é de fórma elliptica; por tal arte disposta a platéa em conveniente declive e em relação ao tablado, que o centro é um perfeito ponto optico, e os espectadores gozam cabalmente, e de qualquer lado, todas as vistas: contém cinco ordens de camarotes, por banda, em numero de doze cada uma; ao todo 120: a magnifica tribuna de Suas Magestades, em correspondencia á boca do tablado, occupa a altura da ordem nobre e da terceira e quarta ordens de camarotes: por cima ficam as varandas. A platéa admite 640 pessoas. O arco do proscenio repousa sobre columnada da ordem composita em cujos vãos estão assentes duas estatuas allegoricas. Sobre o arco ha o relógio de mostrador transparente e que é allumiado durante a representação. Illumina largamente a vasta sala um lustre rico e de acabado gosto e que em seus cristaes reflecte a claridade de cem lumes: ha mais quatro pequenos lustres junto da Real tribuna. —

O salão do 2.^o pavimento é mui capaz para bailes e banquetes publicos: nelle deram os negociantes inglezes ao celebre Canning (***) um jantar grandioso [a que assistiram alguns dos membros da Regencia] nas vespersas de se retirar de Portugal aquelle ministro, que viera por embaixador em outubro de 1814. — Reproduziremos algumas phrases memorandas da falla que nesta occasião recitou Canning,

(***) Vide a biographia de Jorge Canning a pag. 89 do 4.^o vol 1.^a Serie.

antes de levantar a saude a Suas Ex.^{as}, os governadores do reino. Fallando da invasão franceza em Portugal, e da maneira porque a alliança anglo-lusa combateu a colossal fortuna de Napoleão, disse no meio do seu discurso: — « Portugal não teria podido restaurar-se sem o auxilio da Inglaterra; é isso uma verdade; mas tambem o é que Portugal foi para a Inglaterra o principal instrumento, que ella empregou, para effectuar a maior empreza em que a Graã-Bretanha jámais se empenhou!

« Nós trouxemos a Portugal conselhos, exercito, disciplina, e valor britannico; mas nós achámos em Portugal vontade sincera e prompta, braços activos, um governo cheio de confiança, um povo valoroso e soffredor, docil em instruir-se, leal em nos seguir, paciente no meio das privações, e a quem a desgraça não foi capaz de abater, e desanimar, nem a prosperidade pôde ensoberbecer, e embriagar.

« O braço da Inglaterra foi a alavanca, que abalou violentamente o poder de Buonaparte; Portugal foi o ponto de apoio em que aquella alavanca se moveu. Inglaterra assoprou, e nutriu o fogo sagrado; mas Portugal tinha já erigido o altar, em que esse fogo se accendeu, e cujas lavaredas subiram, e se propagaram a tal ponto, que o seu clarão foi allumiar o mundo inteiro!»

Ⓞ Mosteiro.

MEDITAÇÃO.

Já tinha fugido do nosso hemispherio a brilhante luz do monarcha dos astros, despedindo-se de muitos, a quem nunca mais prodigalizaria seus raios; succedêra-lhe a magestosa noite, trazendo por gala o ceruleo e matizado manto, no qual as estrellas scintillavam como outros tantos diamantes: o céu estava sereno, e esta serenidade causaria no philosopho, que o contemplasse, uma terna saudade do que ainda não gozámos, um vehemente desejo de ver e gozar o que para os homens foi creado; o crepusculo havia pouco mostrara, ainda cheia de luz, a estrada por onde o brilhante luzeiro caminhando deixava apoz si uma incircumscripção claridade; agora tudo eram trévas, e se alguma luz se divisava, era só no firmamento. Passavamos então por esse mosteiro de virgens, que a piedade de D. Manuel edificou em os dias de sua gloria na formosa terra, cujas praias banha o salífero e abundante Sado; D. Manuel, homem na verdade grande, que juntou sentimentos de bom monarcha aos de principe verdadeiramente orthodoxo, ainda que de todo não fosse isento do espirito supersticioso da sua epocha: os maiores genios são ás vezes levados das idéas dos seculos em que vivem. Pelas rasgadas janellas se divisava aquella magestosa claridade, que as luzes fazem de noite no templo do Senhor, e presumimos com rasão estarem as religiosas orando solemnemente; e não nos enganámos, porque aproximando-nos, ouvimos logo o canto melodioso e melancholico da psalmodia, que impera mais no coração do homem do que quantas harmonias possam produzir as mais soberbas orquestras: recordámonos logo do canto das catacumbas, onde os fieis reunidos celebravam seus officios, apesar dos edictos mais severos, onde o incenso subia ao mesmo tempo em que as orações iam bater ás bases do thro-

no do Todo-Poderoso, e onde os sacerdotes gemendo, mais com lagrimas do que com vozes, oravam pelo povo. Oh! E quando foi mais augusto e magestoso o culto da religião do Crucificado?! Estas foram as recordações que fizemos ao entrar na igreja do mosteiro, em cujas abobadas resoavam, não as vozes mercenarias, que movidas só pelo interesse não ferem as cupolas do santuario para irem acompanhar as orações dos anjos, mas sim as innocentes vozes de consagradas virgens, que offereceram ao Altissimo na flôr de tenra idade seus puros corações.

Vasio estava o templo; apenas se viam umas cinco ou seis pessoas, que allí tinham sido attrahidas só pela devoção, e isto não contribuia pouco para a magestade do lugar, livre daquelle tumulto e perturbação, que hoje caracteriza os grandes ajuntamentos religiosos.

Protegidos por este silencio percebiam nossos ouvidos as vozes das religiosas, que eram outros tantos echos que repetiam o que o rei propheta cantára no fervor de suas devoções: que os monarchas, sem se despirem dos deveres de sua magestade, devem ser os primeiros nos exemplos de piedade. Porem o nosso entusiasmo cresceu quando ouvimos os psalms de louvor, em que aquelle santo rei cheio de um estro divino convida todas as creaturas a louvarem o Senhor: foi então que sentimos a mais esperançosa e terna sensação, e lembrando-nos o que o mesmo propheta diz em um de seus psalms, dissemos em nossos corações: quão formosos são os vossos tabernaculos, ó Senhor Deus das virtudes! A minha alma se enche de santos desejos nos atrios do Senhor.

— Em companhia de amigo sincero notámos quanto sympathisava a architectura do templo com a simplicidade da acção: não se viam allí nem ricas alfaias, nem muitos sacerdotes, nem multidão de luzes; mas tudo decente, tudo modesto e respirando devoção. Quanto ao templo, está longe de igualar o de Belem; mas em sua architectura mostra que D. Manuel no meio de suas grandezas, dictadas por um genio vasto, tambem soube amar a simplicidade, e que nesta mesma nunca faltava aos signaes caracteristicos de sua epocha grandiosa. As columnas do templo talhadas de granito, formadas de tres roscas, unidas entre si, e formando um só corpo, foram para nós naquella occasião o mais fiel emblema das tres virtudes — fé, esperança, e caridade — as quaes sustentam o magestoso edificio da religião christã. Em um dos lados da capella-mór viamos esculpido o brilhante escudo de gloriosas recordações, e semelhante vista não podia deixar de causar em peitos portuguezes saudade dos tempos em que as santas quinas defendiam religião e liberdade nacional, tremulando nas quatro partes do globo. Os quadros do grão Vasco, recordando a vida do Salvador, e que se acham nas paredes do templo, parece que nesta occasião se tornaram mais energeticos e expressivos; tanta é a força da religião, que póde ser designada como o maior e o mais proficuo dos estímulos para o progresso das bellas-artes. No meio de tantas considerações, que á similitude das ondas do oceano succediam umas ás outras, uma sobre todas se ergueu, e fez maior impressão: a utilidade da religião foi o que mais nos occupou. Porventura, dissemos nós, gozariamos estas reliquias, se não fosse a religião de nossos pais? E o que seriam hoje os povos, se estes monumentos não tivessem abrandado seus antigos e barbaros costumes? Ó vós, que empunhaes os sceptros e cin-

gís diademas, ó vós, que cercaes os monarchas e sois seus conselheiros, se quereis conservar-vos, conservai illesa a religião do paiz em que vos achaeis, que nisto tereis o mais firme apoio. Ella, pelo imperio que tem, doma todas as paixões dos homens, a quem faz depôr as armas ante seus altares; e se porventura alguem momentaneamente fechar os ouvidos ás suas vozes, mais tarde, ou mais cedo lhe hade conceder acabado triumpho. — Sim, a religião é a mais firme base do estado social, e ella só, despida das prevenções que um falso zelo suggeriu, póde elevar os povos ao gráo de civilisação, que os faz grandes: ella é, por assim dizer, o centro d'onde partem todos esses mananciaes, que podem fazer feliz uma nação. Honrados cidadãos, ministros integerrimos, zelosos militares, pais de familia moralizados, esposas fieis, amigos verdadeiros, taes são os fructos que brotam da arvore sempre virente da religião verdadeira; boa fé no commercio, valor no exercito, amor á vida frugal, augmento da agricultura, desterro da ociosidade, destruição da ignorancia, perfeição nas bellas-artes, eis os dons preciosos que a religião offerece por mimo aos paizes que a cultivam.

Taes foram as idéas que por então nos occorreram, e tendo sahido reflexionámos [attendendo ás inspirações que dentro do templo sobre nós desceram] quanto são persuasivas, quanto são agradaveis ao espirito as bellezas do santuario!

C. M. P. Salgado.

O TIGRE.

CONFUNDEM muitos os leopardos, onças e pantheras com os tigres, dando a isso causa o uso vulgar de chamarem pelles de tigre a todas as manchadas com pintas diversas: são porem animaes distinctos ainda que do mesmo genero, e mui communs na Africa e em todas as partes meridionaes da Asia; e a especie do tigre está limitada aos climas mais ardentes da India oriental, encontrando-se no Malabar, em Sião e em Bengala.

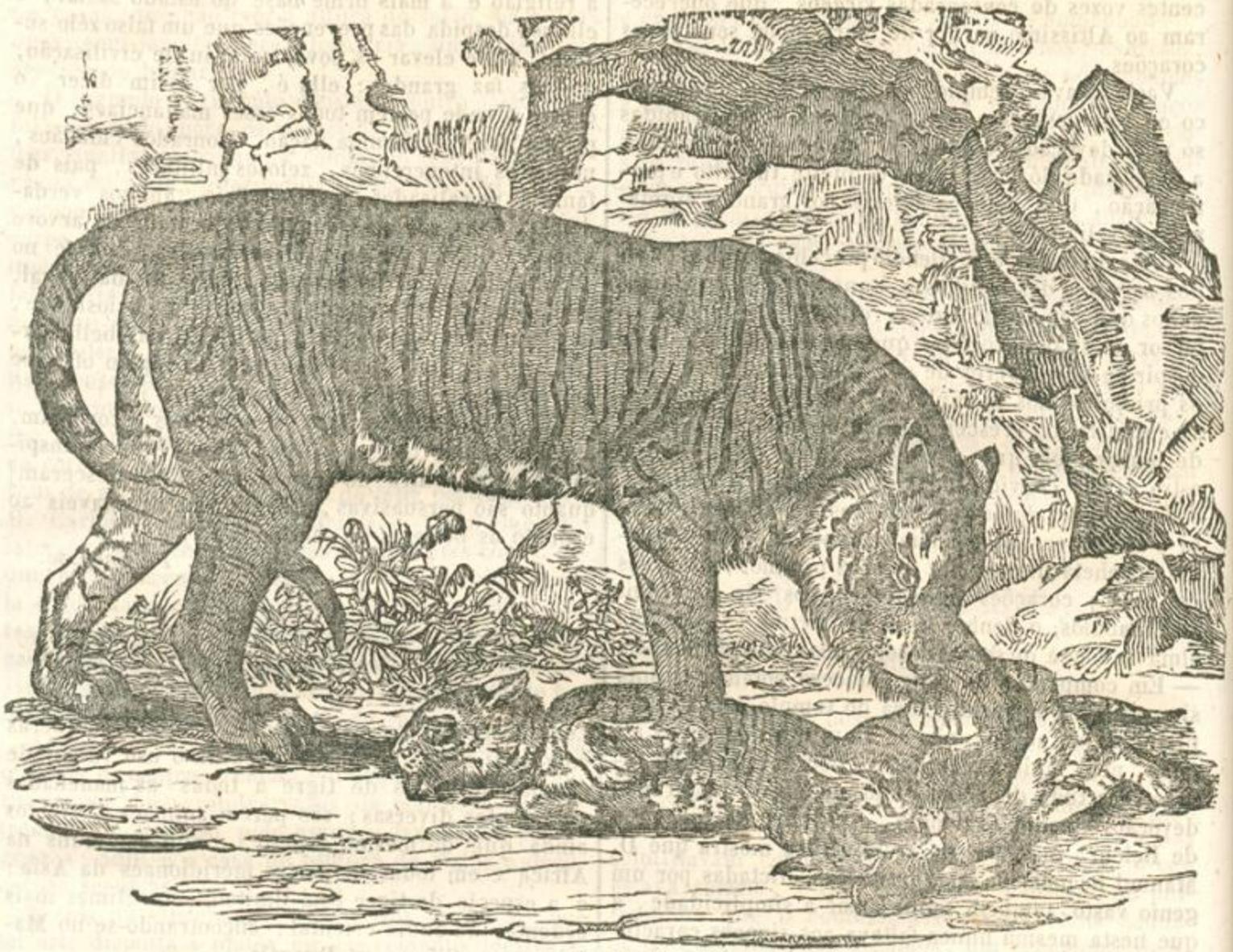
É o tigre o segundo entre os animaes carniceiros, posto que nenhum o iguale em malignidade e fereza: longe da magestade e propensões generosas do leão, que de ordinario só acomete avexado da fome ou quando provocado; o tigre mostra-se sempre vilmente feroz e sequioso de sangue, ainda estando saciado de carne e sobre um montão de victimas; seu furor não conhece treguas nem limites; assola o paiz que habita; não teme as armas do homem; degola e destroça rebanhos inteiros, e com a mesma sanha despedaça a primeira e a ultima presa; como se anhelára topar resistencia vigorosa investe com elephantes e rhinocerótes, e ás vezes com o leão. — Na forma do corpo revela a ferocidade do instincto: — se o porte nobre do leão, a espessa juba que lhe ondea no collo, o olhar ousado e passo grave, annunciam arrogancia e magestosa intrepidez: o tigre manifesta no corpo esguio, rasteiros pés, cabeça nua, olhos ferozes, e lingua sanguinea sempre fóra das fauces, os caracteres de sua villania e perversidade insaciavel. Por fortuna esta especie cruelissima é rara bastaste, e menos espalhada que o leão, ao qual excede em volume de corpo.

Os logares onde o tigre de ordinario devora as prêas, são as beiras de rios e lagos para mitigar

nas aguas o ardor que lhe excita a sobejidão de sangue das muitas victimas.

As matizadas pelles dos tigres são de grande valor, principalmente na China, onde os mandarins militares usam forrar com ellas os assentos dos palanquins em que sahem a publico: e com effeito pela belleza e disposição das listras e pelo tamanho são dignas de apreço para ricos xaireis de urcos e ginetes.

O P.^o Manuel Godinho, com seu engraçado estilo anecdótico, refere a defeza de um porco montez contra um tigre e como aquelle a final foi preado. Veja-se a *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India a Portugal o sobredito A.*; a pag. 177 da 2.^a edição, publicada no anno passado por esta Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.



O TIGRE

O Bobo.

1128.

VI.

Como d'um homenzinho se faz um homemzarrão.

O CONDE de Trava acertára nas suas previsões: o ajuntamento da curia fôra longo e tempestuoso. Os parciaes da rainha, isto é, aquelles cujo poder e ambição se estribava na influencia do conde, patentearam abi, com toda a energia e affecto, a sua inabalavel fidelidade á filha d'Affonso 6.^o, á qual elles não podiam quebrar seu preito sem se cubrirem d'opprobrio: por outra parte, aquelles que tinham já posto a mira em alcançarem do moço infante as alcaidarias, os meirinhados, as tenencias, e os cargos da côrte, accesos no santo amor da justiça, pugnavam para que a elle se entregasse a herança paterna. Era a lucta da consciencia d'uns contra a consciencia dos outros, combate desgraçadamente trivial em todas as epochas de dissensões civis, e de que só é culpada a providencia por assim collocar os bandos sob o jugo de persuasões oppostas, e estreita-los entre o desejo da salvação

das suas almas, e a cruel necessidade de serem inimigos e perseguidores de compatricios e irmãos, com grande e interior mágoa sua, como nós e o leitor perfeitamente sabemos costuma acontecer em taes casos!

Dos ricos-homens, cavalleiros, e clerigos, portuguezes por nascimento, que ainda não seguiam abertamente o pendão de Affonso Henriquez, alguns neste momento decisivo mostraram a sua resolução firme de confiar na fortuna de D. Thereza; mas a maior parte voltava-se para o sol que nascia, tudo por amor da boa terra de Portugal. Entre os primeiros, nas violentas altercações da curia, se haviam distinguido os dois infanções, Ayres Mendez e Pedro Paez: entre os segundos o Lidador, que cumpriu o que promettêra a Martim Eicha. Fernão Perez viu muitas vezes vacillantes as suas esperanças, porque os nobres companheiros do conde Henriquez, vivendo havia tanto tempo na Hespanha, começavam a confundir nos seus instinctos politicos a idéa das instituições francas com a indole das tradições sociaes visigodas, que sempre preponderaram na Peninsula. A rainha expozera as pertencções de seu filho perante os barões: Veremudo Perez,

irmão do conde de Trava, genro da rainha, e senhor de Vizeu, que viera assistir áquella especie de parlamento, tomando a mão, invectivára furioso contra o infante, seu cunhado, e não poupára ferros e ameaças contra os parciaes d'elle. A colera do Lidador não precisava de tanto para ser excitada, e palavras igualmente violentas sahiram da sua bôca em resposta ás de Veremudo Perez. Accusou o conde de vexames de todo o genero, e ameaçou tambem aquelles que o ameaçavam. Pouco e pouco o tumulto, começado pelos dois, dilatou-se e cresceu. As injurias voaram de parte a parte, os ferros pulidos dos punhaes principiaram a reluzir meio-arrancados dos cintos, e a sala do conselho ia converter-se n'um campo de batalha, quando dois homens — talvez os unicos — que pelo seu character publico, e ainda mais pela sua condição moral o podiam alcançar, atalharam as scenas de sangue de que os paços de Guimarães estavam a ponto de serem theatro. Quasi ao mesmo tempo dois sacerdotes se alevantaram a pedir treguas em nome de Deus. Era D. Tello, arcediogo de Coimbra, um delles; o outro, Fr. Hilarião, o hom velho abba-de do mosteiro de D. Muma, que já o leitor conhece. Aquelle dissera muitas vezes D. Thereza que assaz grato lhe seria vê-lo bispo da sua sé, a qual então se achava orphã de pastor; a este, a predilecção que sempre mostrára ao seu mosteiro e a elle em especial o moço principe, fazia crer com bom fundamento que não eram vãs de todo varias palavras que uma vez lhe ouvira soltar ácerca não sabemos de que doação, ao santo acisterio de Guimarães, de certa villa ou herdade, com cincoenta homens de criação, e seus montes e pastos, fontes e lagôas, exitos e regressos. Não os moviam na verdade estas circumstancias, que apontámos casualmente, a serem, D. Tello inclinado a favorecer a justiça da bella infanta, e Fr. Hilarião a justiça de Affonso Henriquez. Pregoava-os o mundo por virtuosos: nós ajuntámos o nosso brado ao do mundo. Mas é indubitavel que ambos elles estavam persuadidos de que o outro seguia uma causa má, e affligiam-se profundamente de verem assim a virtude desvairada e perdida no meio do campo contrario.

Alguem que subitamente entrasse no lugar em que se ajuntára aquella especie de parlamento, e visse os dois sacerdotes, pallidos e tremulos, proferirem palavras de rasão e de paz no meio do tumultuar e vozear dos ricos-homens e infanções, cujos olhos chamejavam de colera, cujas mãos confrangidas apertavam os punhos dos bulhões que reluziam já meio-arrancados, attribuiria forçosamente a sua linguagem melliflua e cheia de unção ao temor de serem victimas indefensas dos brutaes homens de guerra, se porventura o sangue começasse a correr, visto que nem a cogulla do beneditino, nem a garnacha do arcediogo, eram apertadas com o cinto de couro recamado, que cingia os briaes dos cavalleiros, e com que elles apertavam ao peito, da esquerda a espada, e da direita o punhal. Enganar-se-hia, comtudo — quanto a nós — quem a taes motivos attribuisse as palavras dos dois homens de Deus. Ainda cremos na virtude dos cultores da politica: sabemos por experiencia que a maior parte das vezes as suas expressões são singelas, e nascem de crenças mui fundas; sabemos tambem que as suas opiniões são em geral desinteressadas, e que jámais é o medo que os incita a pré-garem a concordia e a paz. E se isto é assim

nestes tempos de perversão moral, com bom fundamento affirmamos que eram puras e generosas as intenções daquelles dois ministros do Senhor, n'um seculo em que as doutrinas do christianismo estavam vivas, e a caridade era fervorosa e sincera.

É certo, porem, que apesar das diligencias que fazia cada um delles para aquietar o furor da respectiva parcialidade, por muito tempo o alarido dos cavalleiros, que se doestavam com bastas e grosseiras injurias, cobriu as debeis vozes dos varões apostolicos. Finalmente foram ouvidos. A reputação de santidade de que ambos gozavam — no seu bando já se entende, — porque em epochas de odios civis as reputações facilmente tocam o extremo da profundeza, mas na extensão ficam sempre em metade; — essa reputação, dizemos, mais ainda que a força das suas ponderações, fizeram pouco a pouco asserenar a tempestade. Os ricos-homens, infanções, e cavalleiros vieram enfim a uma conclusão rasoavel; isto é, sahiram d'alli cada vez mais afferrados ás suas opiniões, e sem concluir nada.

Um resultado importante produzira, todavia, aquella assembléa: as mascaras haviam cahido de todas as faces: todas as equações politicas estavam resolvidas. Cada rico-homem sabia em qual das hostes havia de bastear seu pendão, e cada simples cavalleiro a que pendão se havia de unir. A sorte de Portugal ficava escripta nas pontas das lanças e nas puas das maças d'armas. A curia ia traçar a derradeira sentença á luz do céu — no campo de batalha.

Como se fosse alheio aos acontecimentos daquelle dia, o dissimulado e manhoso Fernão Perez sahira da curia dos barões com o sorriso nos labios e a raiva no coração. Ficára sabendo que o poder da rainha, ou antes o seu, quasi exclusivamente se estribava no braço dos cavalleiros estranhos, e que a fidalguia dos dois condados de Portugal e Coimbra, que ainda não erguera o estandarte da revolta, não tardaria a seguir o exemplo dos que já se haviam declarado pelo infante. Attribuia á influencia de Gonçalo Mendez da Maia este successo, e o seu odio contra elle tinha subido de ponto. O Lidador foi, portanto, aquelle a quem neste dia mostrou mais prazenteiro rosto.

Um banquete esplendido havia de terminar a convocação da curia ou côrtes. Os graves cuidados, que durante a manhã tinham occupado os cortezaos, e ricos-homens vindos áquella assembléa, deviam dissipar-se no meio das delicadas iguarias e das taças de vinho escumante. Na mesma sala d'armas, onde na vespera ressoára o tripudiar do saráu, ia restrugir naquella noite o folgar do banquete, mais ruidoso ainda, porque nesse dia havia chegado a Guimarães grande numero de fidalgos de Galliza, que em Portugal tinham préstamos e alcadarias da bella infanta, ou antes de conde de Trava. Os vastos aposentos do paço brilhavam com toda a pompa de um dia de festa na idade media. As calças de muitas côres, as plumas das toucas dos senhores, os ricos briaes e cotas, onde já a armaria, que as guerras d'ultramar começavam a converter em moda, estreára as suas divisas e bordaduras phantasticas, davam um aspecto de alegria áquelle concurso, que debalde se buscaria nas reuniões modernas, monotonas e tristes em trajos, como em quasi tudo. Pelos eirados e miradouros, pelos adarves e torres do castello, pelas frestas e balcões do palacio viam-se olhar, gesticular, correr, sumir-se,

apparecer de novo centenaes de cavalleiros. As escadas, os pateos, referviam de escudeiros e pagens, que subiam, desciam, apinhavam-se e dividiam-se em agitação continua. E o ruido e confusão não se limitavam ao castello: as ruas e quelhas tortuosas do burgo sussurravam com o perpassar dos homens d'armas, dos bésteiros, e da pionagem, que seguiam para toda a parte os ricos-homens e infanções, em maior ou menor numero, segundo a gradação e poder de cada um delles. Era este um distinctivo de nobreza, que raras vezes o fidalgo daquellas eras esquecia, e muito menos quando era, como então se dizia, chamado *a cas d'elrei*. Assim nestas assembléas politicas, donde nasceram as antigas côrtes, mais frequentes do que geralmente se crê, a povoação destinada para ellas offerecia um espectáculo de desordem e motim impossivel de descrever; por tal arte que se inimigos houvessem tomado de assalto a cidade ou villa, onde taes scenas se passavam, a alarida não seria maior, nem a confusão mais completa; e a unica differença seria que neste ultimo caso o sangue jorraria em tanta quantidade, como naquelle jorrava o vinho, e os gritos de dôr e angustia substituiriam os brados e risadas convulsas da embriaguez.

No meio deste borborinho, por toda a parte atreador, mas infernal nas salas principaes do paço, era notavel o cuidado com que o conde de Trava procurava não perder de vista o Lidador. Se a alguém fosse possivel reparar nisso, facil lhe fóra adivinhar os motivos de semelhante procedimento, depois do que se passára na curia, e attento o character dissimulado, mas cauteloso, do conde. Era um inimigo que devia causar-lhe serios receios, e apesar das diligencias, que fazia para os encobrir sob um gesto festivo, lá se divisava no seu olhar inquieto o susto e a colera que lhe ralavam o coração.

Assim vigiando os passos de Gonçalo Mendez, Fernão Perez o tinha seguido de sala em sala, procurando escutar o que elle dizia nos diversos grupos de cavalleiros a que se ajuntava. Mais de uma hora havia que o conselho se apartára, e ainda o conde não tinha deixado um instante de o vêr e ouvir, quando um escudeiro do Lidador, rompendo pela turba dos fidalgos, se chegou ao seu amo, e lhe disse em voz baixa:

« Senhor, um peão, que affirma ser chegado ha pouco da Terra-santa, pertende fallar-vos e ao meu reverendo Fr. Hilarião. Diz que vos traz mensagens de amigos vossos, que ora andam em demanda do santo sepulchro. Um homem de sua reverencia o busca por toda a parte, e eu vim entretanto avisar-vos.»

« Um peão vindo da Palestina com mensagem a mim? replicou o Lidador em voz alta. A fé que me parece estranho caso! Não disse quem o mandava? »

« Não, meu nobre senhor: — respondeu o escudeiro — nem eu me esqueci de lh'o perguntar: a sua resposta unica foi que a vós — e só a vós o diria.»

« Bem! — Talvez assim lh'o ordenassem.»

Proferindo estas palavras, o Lidador sabiu, encaminhando-se para as largas escadas que davam para o grande pateo do castello em frente dos paços.

O conde de Trava percebêra, postoque imperfeitamente, este dialogo. Um pensamento de desconfiança lhe passou pelo espirito, e o seu primeiro impulso foi continuar a seguir Gonçalo Mendez. Mas

esta insistencia era já demasiada, e podia excitar as suspeitas do cavalleiro. Hesitava ainda entre o ir e o ficar, quando viu perto de si Tructezindo seu sobrinho e seu pagem, filho de Veremudo, e que muito lhe queria. Deus ou o demonio era quem alli lh'o enviava. Uma idéa lhe occorrêra subitamente ao ver o mancebo.

« Ouve cá, Tructezindo — disse elle ao gentil pagem, acenando-lhe com a mão e sorrindo.

« Que ordenais, meu senhor e meu tio? — perguntou Tructezindo, chegando ao conde e cravando nelle os olhos, em que se pintava toda a malicia possivel n'um rapaz da sua idade.

Fernão Perez affagou-o pondo-lhe a mão sobre a cabeça, d'onde se lhe esparziam em ondas sobre os hombros os louros e anelados cabellos.

« Apraz-te, meu sobrinho, o ver esta grão peça de cavalleiros, que muitas vezes se acharam já em lides de mouros, e que outras tantas teem ganhado o preço de justas e torneios, e sido proclamados vencedores por formosas damas, ao som de cymbalos e trombetas, nos jogos da argolinha e do tavalado? Que me deras tu por ser um delles, e cingires uma espada e adaga? »

« Dera, meu bom tio — respondeu o pagem — dez ou vinte annos de vida para se acrescentarem á vossa, e não vos daria nada. Bem podieis vós, se quizesseis, armar-me já cavalleiro, como me promettestes para daqui a um anno. Tenho dezeseite e os dezoito vem tão tarde! »

« Por minha alma que respondeste avisado! — replicou o conde. — Não quizera eu annos da tua vida para ajuntar aos meus, que d'ora avante me vem aborridos e trabalhados. Brevemente eu te armarei cavalleiro: — talvez em poucos dias ao som do tinir de golpes em fera arrancada. Basta que a paga de minha mercê seja cumprires afficadamente o feito de que vou encarregar-te.»

« E fa-lo-hei de bom grado: — tornou Tructezindo. — Mandai, meu tio, que eu vos obedecerei.»

« Um peão, vindo de longes terras, buscava ha um momento Gonçalo Mendez da Maia e o abbade de D. Muma. O cavalleiro e o monge devem ora estar com esse mensageiro lá embaixo. Acerca-te delles por meio do tropel que fluctua apinhado por toda a parte, e procura saber quem é, o que quer, donde veio. Escuta tambem, se poderes, suas palavras.»

« E depois? » — perguntou o gentil pagem.

« Vem prestes dizer-me o que lá se ha passado.»

Ligeiro como um gamo, Tructezindo desapareceu. O conde, chegando d'ahi a pouco a um dos balcões da immensa sala d'armas, viu ainda o Lidador e o abbade que encaminhando-se para uma viella, que corria entre os paços e o lanço occidental da muralha, pareciam attentos ás palavras de um homem, cujo rosto elle não pôde bem divisar, porque o levava meio escondido no capuz de um amplo zorame de laã parda e grosseira, que quasi até os pés o cubria. Perto porem dos tres viu Tructezindo, que fingia retouçar com os outros pagens, ora travando-se a braços com elles, ora fugindo com grandes apupos e risadas, mas girando sempre, como a borboleta ao redor da fogueira, em volta de Gonçalo Mendez, do desconhecido e do abbade.

Satisfeito da habilidade com que o seu pagem parecia desempenhar a commissão que lhe dera, Fernão Perez voltou-se para dentro sorrindo de contentamento. Achou-se então face a face com Garcia

Bermudez, tão triste no aspecto como nessa manhã o encontrára. Alem disso, porem, no carrancudo do gesto dava mostras de que ideas mui graves o preocupavam. No seu ar o conde percebeu que occorrêra algum acontecimento extraordinario.

«Preciso de fallar-vos á puridade: — disse Garcia Bermudez procurando não ser ouvido dos cortesãos que perpassavam.

«Vinde comigo» — respondeu o conde de Trava no mesmo tom, e travando-lhe do braço.

À esquerda da sala d'armas uma pequena porta dava passagem para extenso e escuro corredor, em cujo topo havia outra porta fechada: o conde tirou uma chave, abriu-a, e cerrando-a apoz si, os dois cavalleiros se acharam em uma especie de jardim-sinho pensil, assentado sobre uma alta arcaria, que ligava uma das torres do castello com os paços da bella infanta. As camaras desta, e os aposentos habitados pelas suas damas e donzellas, cercavam por dois lados este pequeno terrado cuberto de flores e arbustos viçosos. Um desses engenhos arabes, que ainda hoje cobrem o solo da Peninsula e fertilisam as nossas veigas e pomares, ministrava constantemente áquelle ameno horto, de um poço profundissimo talhado no rochedo em que repousavam os fundamentos do castello, agua christalina, que ao cahir n'um tanque de marmore sussurrava brandamente. Junto delle um salgueiro copado formava uma especie de caramanchão sobre um banco de pedra. Foi para aquelle sitio que o conde conduziu Garcia Bermudez, dizendo-lhe: — «Aqui podes seguro fallar.»

«Acaba de chegar um dos esculcas, que andam disfarçados em hésteiros da behetria de Gontingem no arraial do infante: — disse o cavalleiro — dá rebate de que a hoste rebelde caminha para estes sitios. O velho Egas Moniz de riba de Douro veio a ella com cem lanças. São já perto de mil homens d'armas os que D. Affonso capitaneia. Segundo se diz, elle pertende dar-vos batalha, e conta com alguns dos senhores da côrte que espera tomem sua voz: o mui reverendo Martim Eicha, a quem incumbistes juntamente comigo de introduzir afforradamente o mensageiro ao postigo d'ábrego, foi dar conta destas novas á mui excellente rainha, em quanto eu vos buscava.»

«Que esse louco mancebo venha, e achará meus pendões tendidos no campo. Abi receberá o preço de sua ousadia insensata. Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e aos leaes! Eu deceparei o collo da serpente.... Gonçalo Mendez! — Gonçalo Mendez! — em hora aziaga vieste á côrte: em hora aziaga te demoraste! Garcia Bermudez, a infanta de Portugal, a filha dos reis de Leão, acaba de escolher-te para seu alferes: a ti pertence o governo de todos os seus homens d'armas. Ao acabar do banquete devem estar levantadas as pontes das barbacans, estas guarnecidas de vigias, e em cada lanço uma rolda e sobrerolda. A ninguem é permittido sahir do recinto do burgo: — nem a mim proprio. Alferes-mór de Portugal, — são estes os mandados da rainha D. Thereza: vós fareis que sejam cumpridos á risca!»

Ao proferir estas palavras, todas as paixões cruéis, tençoeiras, furiosas, que serviam comprimidas no coração do conde, se lhe pintavam no demudado das faces, no tremulo dos labios brancos, nas rugas profundas da fronte carregada. Depois de um momento de silencio, sabindo arrebatadamente do caramanchão, proseguiu: —

«Se tendes mais que dizer, dizei-o. No momento do perigo nunca hesitei. Tereis uma resolução prompta.»

«Só, que obedecerei pontualmente ao que ordena minha senhora e rainha: — respondeu o novo alferes.

Neste momento um vulto appareceu no limiar da porta entre-aberta por onde os dois haviam entrado. Era o bufão, que olhava fito para o sol que se punha, fazendo-lhe visagens, e cantarolando sem reparar nos cavalleiros:

«Tu vais-te: mas voltas.

«E elles ir-se-hão,

«E não voltarão?

«Froilaz ou Froilão;

«Fernando de Trava,

«E o seu valentão,

«Dom Bulcão,

«D'Aragão,

«Que de Dulce,

«Bella Dulce,

«Quer a mão....

«Diabo!....

Engolfado na sua trova D. Bibas, a quem algum genio avesso impellira a escoar-se pelo corredor escuro e a entrar no jardim, voltára de repente a cara e dera ao pé de si com os dois cavalleiros, que o escutavam.

«Que dizias tu de Dulce, bufão? — perguntou o conde com gesto severo, e lançando de relance os olhos para Garcia Bermudez.

O bobo leu no aspecto de Fernão Perez, que se achava n'um daquelles trances arriscados, em que as suas injurias em vez d'applausos só lhe acarretavam máus tratos. Todavia o dito estava dito. Poz-se a mirar os balegões dos cavalleiros: eram de pelle de gamo, e de sola delgada, revirados na ponta em compridos bicos, segundo a moda do tempo. Fez rapidamente o seguinte dilemma: ou a extrema ousadia me salva, ou o que já disse me perde. Em todo o caso, preso por mil, preso por mil e quinhentas. Ávante! — E fazendo uma profunda cortezia, respondeu:

«Dizia esta humilde creatura que vós, mui nobre D. Garcia, sois parvo em perseguir com vossos ridiculos amores a minha boa Dulce, e que vós, senhor conde de Galliza, nos farieis especial mercê em irdes visitar as corujas do vosso castello de Pharo....»

«D. Bibas!» — interrompeu o conde. O bobo continuou:

«Deixando, com os vossos gallegos brutaes, e com os vossos aragonezes estupidos, os nobres paços de Guimarães áquelle que os herdou de seu pai, o tio Henrique, antigo truão de minha côrte....»

«D. Bibas!» — atalhou de novo o conde, cuja colera tinha chegado ao seu auge, sorrindo ferozmente — os que te enviaram para me dizeres o que elles guardam nos corações covardes, esqueceram-se de vestir-te um saio de malha bem estofado!....»

Neste momento abriu-se uma das portas dos aposentos da bella infanta, e o capellão Martim Eicha, acompanhado de dois donzeis, de D. Thereza, dirigiu-se para o conde:

«Senhor de Trava — disse o reverendo conego — a rainha quer immediatamente fallar-vos.»

«Eu ia pedir isso mesmo — respondeu o conde. — Mas antes de partir quero mostrar a traidores, na

punição de seu mensageiro, que também saberei puni-los. Donzeis, arrastai este miseravel aqui, e entregai-o ao villico do castello, que o mande açoitar pelo mais robusto dos meus cavalleriços, até que o sangue lhe brote das costas, como da lingua vilissima lhe brotam insolencias albeias.»

O pobre D. Bibas tinha errado completamente o dilemma, por não metter nelle os tagantes ou tiras de couro crú com que se castigavam os homens de creação, e que elle nunca provára. Posto que já com voz tremula, tentou ainda uma bufoneria, e atirando ao chão aquelle seu vulto de pipa poz-se a gritar:

«Não, que eu não vou!»

«Donzeis, obedeei! — bradou o conde, encaminhando-se para os aposentos da infanta.

D. Bibas desenganou-se então de que o caso era serio. Dando largas ao temor, arrastou-se apoz Fernão Perez, exclamando com todos os signaes de viva afflicção:

«Piedade, senhor conde! — Prometto . . .»

O conde desaparecera.

«Levai-o, donzeis! — disse o novo alferes-mór.

«Tambem vós, Garcia Bermudez? Não! não! Vós salvar-me-heis destes . . .»

Garcia sahira pela porta fatal do corredor escuro, que fóra a perdição do bobo. Só ficára allí o conego de Lamego, que parecia observar como os donzeis executavam as ordens do conde.

Estes, de feito, tinham posto mãos violentas no roliço vulto do respeitavel D. Bibas, e travando-lhe cada qual de seu braço se assimilavam a dois mastins, pouco dispostos a largar a preá. O bufão com voz truncada de soluços accorreu-se então á tenue e ultima esperanza que lhe restava.

«Assassinos malditos, deixai-me! — gritou elle dando um empuxão aos dois mancebos que levou apoz si. E agarrando-se á garnacha de Martim Eicha com toda a ancia do susto e da desesperação, começou uma ladainha de supplicas:

«Bonissimo e reverendissimo senhor capellão-mór, que vossa virtuosa reverencia valha a um miseravel jogral, que a terra d'ante vossos pés beija! É dos caridosos e de grande coração perdoar aos que os offenderam. Eu tenho peccado contra vós. *Peccavi!* Estou contrito. *Contritus sum!* Pedi por mim, santissimo e venerabilissimo padre. Ninguem m'incitou para dizer o que disse. Foi o diabo que me tentou. *Abrenuntio!* Podeis assevera-lo a meu illustre senhor, o nobre conde de Trava! . . .»

«Filho — respondeu Martim Eicha, fazendo um ademan entre hypocrita e d'escarneo — o castigo é muitas vezes caminho para o arrependimento. Resigna-te, meu filho. Se nisso não houvera vangloria, dir-te-hia que no soffrimento d'injurias podias aprender de mim a ser resignado.»

Proferindo estas palavras, Martim Eicha alcançára soltar o vestido das mãos do bobo, e com um sorriso de vingança satisfeita seguira os vestigios do conde.

D. Bibas perdeu a derradeira esperanza.

Então o excesso do terror e da desesperação produziu n'aquelle espirito, onde por annos se desenvolvera e alimentára constante irritação, uma destas revoluções moraes em que, no meio de tormentosa crise, o homem se transmuda em outro homem. Ergueu-se, e com gesto desvairado bradou:

«Está bom! Ninguem se compadece de mim! Serei açoutado como um vil servo judeu! O bobo receberá essa affrontosa pena; mas elle se converterá n'um demonio . . .»

Neste ponto Martim Eicha, que crusava o limiar da porta, voltou os olhos e fitando-os no bufão deu uma risada. D. Bibas proseguiu, cerrando os punhos, e mordendo-os:

«Ris, vil renegado?! — Ris, alcaiete paceiro?! Um dia virá em que chores! . . . Vamos, escravos! — Á risca as ordens do conde covarde!»

Dizendo isto o bobo, com passo firme e no meio dos dois donzeis, que nunca o haviam largado, atravessou o corredor escuro. D'ahi a pouco, em um pateo interior, ouviam-se-lhe os gritos dolorosos por entre o som dos açoutes, e apupos e gargalhadas de pagens, sergentes, e cavalleriços.

(Continuar-se-ha).

(A. Herculano).

Botanica.

TUBARA DA TERRA.

[Lin. *Lycoperdon tuber.*]

A TUBARA não tem raizes, e nasce debaixo da terra; é trigueira, redonda, solida, aspera ao tacto, e cheirosa. As sementes estão escondidas em cellulas no meio da substancia polposa. Nos paizes quentes, e nos terrenos seccos, e areentos é que communmente se acha esta especie de tortulho, sempre escondida debaixo da terra. «Como os porcos são muito ávidos, e gulosos desta planta, diz Bomare, quando a acham foçando a terra, dão logo a conhecer a sua boa fortuna pelos seus grunhidos de contentamento. Esta indiscricção adverte o guarda, que sempre os espreita e corre logo, afasta-os ás pauladas, e reserva este achado para as mezas, aonde se ajuntam paladares mais delicados. Tambem se podem reconhecer os sitios, em que ha túbaras debaixo da terra, quando olhando horisontalmente sobre a superficie, se vêem voltejar voando por cima de um terreno leve, fendido, e gretado, enxâmes de pequenas moscas produzidas pelos bixos que sahiram das túbaras, e que lá tinham sido depositados por outras moscas semelhantes, no estado de ovos. Em setembro, ou outubro é que se colhem as túbaras.» Ellas são um guizado delicado, mas pouco sadio, e quente.—Em varios sitios do Alemtejo se encontram com frequencia estes singulares fructos, que não revelam pela vegetação á superficie da terra a sua existencia.

SARGAÇO DO MAR, OU BOTILHÃO.

[Lin. *Fucus vesiculosus.*]

ESTE genero é numeroso em especies, que são as verdadeiras algas, que nascem no fundo do mar. Os sargaços são de substancia ou membranosa, ou gelatinosa, ou carnuda, ou coreacea, ou cartilaginosa: a maior parte são ramificados em fórma de arbusto levantado; alguns se arrojam pelo chão, ou estão deitados em fórma de lamina, ou de bexiga; sobre as folhas do maior numero se elevam tuberculos em fórma de bexigas fechadas, maiores ou menores, mais ou menos redondas. Suppõe-se que estas bexigas estão sempre cheias de ar, e que sustentam em pé a planta, ou a fazem boiar. *Adanson* presume que estas vesiculas são as flores femeas. Estas plantas na agua, ou logo que sahem della, tem a cór de azeitona, mas fazem-se pretas quando seccam. Das suas cinzas tira-se soda; os lavradores habeis formam com ellas excellentes estrumes.